

A ofensiva ultraconservadora: uma análise da formação e atuação da frente de direita na educação brasileira

Luiza Rabelo Colombo¹
Rodrigo de Azevedo Cruz Lamosa²

Introdução

Nos últimos anos uma ampla frente de organizações elegeu a educação, em geral, e escola pública, em particular, como alvos de uma intensa campanha de denúncias ao trabalho docente realizado nas instituições públicas de ensino. Este artigo resulta de pesquisa realizada no âmbito da pós-graduação cujo objetivo foi analisar as determinações históricas e sociais das estratégias adotadas por algumas frações burguesas com ramificações transnacionais que formaram nos últimos anos uma frente de organizações de direita responsável por uma ofensiva sobre a educação.

Diante do cenário de crescimento das pautas ultraconservadoras e reacionárias de cunho liberal – associado ao conservadorismo religioso – na agenda educacional brasileira, perguntamo-nos: o que está por trás do avanço do movimento Escola Sem Partido nos últimos quatro anos? De onde vêm as organizações da extrema direita mundial e do Brasil que sustentam o movimento? Como surgem aquelas que levantam as mesmas bandeiras e formam sua extensa rede de apoio?

A partir destas questões, o presente artigo não pretende apresentar uma análise sobre o movimento Escola Sem Partido como um fenômeno em si, mas sua complexidade, situado em um determinado contexto sócio-histórico e, assim, organizado e articulado a partir de interesses específicos das classes dominantes. Buscamos problematizar e analisar o crescimento das práticas e difusão dos discursos de uma rede de aparelhos privados de hegemonia ultraconservadores e reacionários, onde o movimento Escola Sem Partido (ESP) tem se projetado como protagonista e aglutinador de certas frações de classe dominantes, justamente no contexto do que podemos compreender como *avanço ultraconservador* e reacionário no contexto mundial e no cenário político brasileiro e, em especial, nas políticas educacionais.

A emergência nos últimos anos das organizações de direita está associada mundialmente à conjuntura da crise estrutural do capital que se agravou a partir da recente crise financeira de 2008. No Brasil este processo pode ser identificado de maneira mais aguda a partir das chamadas *jornadas de junho de 2013*, quando emerge uma densa rede de organizações da extrema direita no território brasileiro. Assim, buscaremos desenvolver os nexos entre esta ofensiva ultraconservadora e reacionária e a crise do social-liberalismo, uma variante do neoliberalismo que vem apresentando, a nível mundial e na atualidade, seus limites dentro das disputas no interior da classe dominante pela direção política do processo de recomposição burguesa.

¹ Mestranda no PPGEDUC/UFRRJ e professora Colégio Pedro II.

² Professor PPGEDUC/UFRRJ.

A ofensiva ultraconservadora e suas redes: o Atlas Network e o Students For Liberty

Na obra *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*³, Melo aponta que uma fração da direita, considerada anteriormente como histórica e alarmista, foi ganhando apelo de massa, “*uma mistura de neoliberalismo hardcore com fundamentalismo cristão*”⁴ que, segundo o autor, tem atuado também como partido do grande capital. Segundo Hoeveler, em outro artigo publicado na mesma coletânea⁵, esta nova direita extremista transnacional, fortalecida a partir de teorias conspiratórias consensuais – especialmente a respeito da necessidade de combate ao comunismo e ao marxismo – vem coadunando-se ao discurso empresarial neoliberal através dos *think tanks* de orientação neoliberal.

Os intelectuais da extrema direita mundial e no Brasil, como veremos, são encontrados nestes chamados *think tanks*. Este termo, que surgiu nos Estados Unidos a partir da década de 1950, significa “tanques de pensamento”, ou “centros de pensamento”. Refere-se a organizações de especialistas em determinadas áreas, elaborando projetos e ideias de políticas públicas – visando transformar interesses privados em interesses públicos, universais. Ou seja, produzindo, sistematizando e difundindo teorias sobre estratégias de saída da crise do capital de acordo com os interesses do próprio capital. Para tal, as organizações tem seus intelectuais orgânicos, uma gama de especialistas que realizam palestras, cursos de formação, escrevem colunas em jornais e revistas da grande imprensa, artigos nas páginas da internet das próprias organizações, buscando influenciar a opinião pública de acordo com os interesses da economia de mercado. Referimo-nos a “opinião pública” na perspectiva de Gramsci, segundo o qual

O Estado, quando quer iniciar uma ação pouco popular, cria preventivamente a opinião pública adequada, ou seja, organiza e centraliza certos elementos da sociedade civil. (...) A opinião pública é o conteúdo político da vontade política pública, que poderia ser discordante: por isto, existe luta pelo monopólio dos órgãos da opinião pública – jornais, partidos, Parlamento –, de modo que uma só força modele a opinião e, portanto, a vontade pública nacional, desagregando os que discordam numa nuvem de poeira individual e inorgânica.⁶

No contexto de “crise de autoridade”, frações de classe dominantes intensificam a atuação de seus aparelhos privados de hegemonia (APH's) na tentativa de garantir a hegemonia enquanto estratégia de unidade dentro de sua classe e para fora dela. A partir do referencial teórico-metodológico gramsciano, compreendemos

³ DEMIER, Felipe, HOEVELER, Rejane (orgs.) *A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

⁴ MELO, Demian. A direita ganha as ruas: elementos para um estudo das raízes ideológicas da direita brasileira. In. DEMIER & HOEVELER, op. cit., p. 71.

⁵ HOEVELER, Rejane. A direita transnacional em perspectiva histórica: o sentido da “nova direita” brasileira. In. DEMIER & HOEVELER, op. cit.

⁶ GRAMSCI, Antonio. *O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935*. Organização e Introdução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p.283.

tais organizações (*think tanks*) como típicos APH's. Seus intelectuais orgânicos cumprem o papel de vínculo orgânico entre a estrutura e a superestrutura, operando no nível superestrutural, visto que, no âmbito do Estado ampliado, “*é especialmente na sociedade civil que operam os intelectuais*”⁷. É considerável, pois, o crescimento da atuação e do número de *think tanks* a partir dos anos 1970, com o objetivo de construir o consentimento em relação ao neoliberalismo, primeiramente no contexto estadunidense e depois em escala global, como parte das estratégias de recomposição da burguesia neste contexto em que desponta a crise estrutural do capital.

Estas organizações teriam surgido de seminários engajados em fomentar a “*consciência de classe capitalista*”, em processo intensificado no final da década de 1970⁸. Segundo a autora, o *think tank* Atlas Network⁹, que foi criado em 1981 nos Estados Unidos, ganha notório destaque, pois, diferente de outras entidades estadunidenses, tem atuação transnacional e funciona como elemento comum de conexão de diversas outras organizações. Representa uma rede de *think tanks* que começaram a surgir e crescer no contexto de crescimento do ideário neoliberal e neoconservador. É uma espécie de *metathinktank*, atuando como fomentador, financeiro e intelectual, de outras 486 entidades similares em 93 países de todo o mundo¹⁰. Segundo Baggio,

Nas organizações parceiras da Atlas Network, os “princípios”, “valores” ou “missão” incluem, praticamente sem variações, a defesa da livre iniciativa, do livre mercado, do empreendedorismo, da responsabilidade individual, da propriedade privada, das liberdades individuais, da meritocracia e da limitação de ação dos governos. Algumas dessas organizações visam à capacitação de indivíduos para serem multiplicadores dos seus princípios e, em alguns casos, a formação de lideranças empresariais. Nem sempre perspectivas ultraliberais são explicitadas, ainda que com muita frequência, na maioria das organizações.¹¹

A Atlas Network não recebe recursos governamentais e é gerida a partir de doações de corporações, fundações ou indivíduos; por ser registrada como uma organização sem fins lucrativos, todas as doações feitas nos Estados Unidos são dedutíveis de impostos. Além disso, como destaca Hoelever (2016), é difícil identificar o quanto a organização repassa para as entidades associadas, pois um dos seus papéis é justamente articulá-las a outras fontes de financiamento. Identificamos que a principal função, contudo, é atuar como organização nuclear que conecta as demais entidades, centralizando, ainda, a formação intelectual de lideranças

⁷ Idem, p. 267.

⁸ HOELEVER, *Op. Cit.*, pp. 81-86.

⁹ Legalmente registrado como Atlas Economic Research Foundation, sediado em Washington, desde 2013 utiliza o nome fantasia “Atlas Network”.

¹⁰ Dados atualizados retirados de <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory>, acessado em 19/11/2017.

¹¹ BAGGIO, Kátia. *Conexões ultraliberais nas Américas: o think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas*. Anais do XII Encontro Internacional da ANPHLAC, MS, Campo Grande, 2016. p. 4.

empresariais ou de militantes¹² que atuem difundindo tais princípios político-econômicos.

Para um maior entendimento sobre os reais objetivos e o potencial de capilaridade do Atlas Network, consideramos ser importante um levantamento sobre seus intelectuais orgânicos e seus espaços de influência e de atuação. Como ponto de partida, identificamos estas dimensões na figura de seus presidentes, compreendidos aqui como intelectuais orgânicos formuladores e sistematizadores, nos termos gramscianos. Seu fundador e principal idealizador foi Antony Fisher (1915-1988). Ele foi um empresário britânico, que fundou em 1955, em Londres, o Institute of Economic Affairs (IEA) – do qual foi conselheiro por 20 anos. O IEA, segundo a própria descrição da Atlas Network em sua página oficial, é o “grande pai” da organização. Na década de 1970, Fisher mudou-se para os Estados Unidos, após também ter sido diretor, por dois anos, no Canadá, do *think tank* ultraliberal Fraser Institute¹³. Segundo o Atlas Network, Fisher participava das reuniões da Sociedade Mont Pélerin, era defensor do liberalismo clássico, amigo íntimo e morador do prédio onde também viviam Milton e Rose Friedman (em São Francisco), e teve dúvidas sobre como atuar politicamente em defesa do livre mercado, até que “o economista laureado com o Prêmio Nobel Friedrich A. Hayek o convenceu a abandonar as aspirações eleitorais e, em vez disso, começar a trabalhar construindo instituições que lutariam na linha de frente em uma batalha de idéias global”¹⁴.

De 1970 ao início dos anos 1980, segundo matéria publicada pelo Instituto Liberal, Fisher atuou fomentando diversos *think tanks* em Vancouver BC (o Instituto Fraser), San Francisco (The Pacific Research Institute), Nova York (The Manhattan Institute) e, de volta a Londres, o Instituto Adam Smith, um braço e complemento do IEA. Segundo o Instituto Liberal, “logo, o mundo todo chegava às portas de Antony e, em 1981, ele incorporou a Atlas. Foi aí que, de fato, começou a construir a rede liberal, da Europa para a América do Norte, para a América do Sul e até mesmo para a Ásia e a África”.¹⁵

John Blundell (1952-2014) foi o segundo Presidente/CEO (diretor executivo) da Atlas, de 1987 a 1991. Ao mudar-se de Londres para os Estados Unidos, em 1982, tornou-se membro do Institute for Humane Studies (IHS) e do Heritage Foundation, além de já ser membro da Sociedade Mont Pelérin – na qual ajudou a organizar a maior reunião da associação, em 2002. Suas relações estreitas com Fisher também se estreitaram na atuação pela IEA, onde Blundell foi diretor

¹² Diversos membros do Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, passaram por programas de formação do Atlas Network, como mostra a reportagem da Agência Pública. AMARAL, Marina. *A nova roupa da direita*. A Pública, 23.06.2015. Disponível em: <http://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>. Acessado em: 17/05/2017.

¹³ Informações obtidas em diversos documentos sobre Antony Fisher disponíveis na página virtual do *think tank*, em homenagem aos 100 anos que o economista faria em 2015. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/antony-fisher>. Acessado em 19/11/2017.

¹⁴ Traduzido livremente de <https://www.atlasnetwork.org/about/our-story>. Acesso em 05/06/2018.

¹⁵ Trecho da matéria “25 anos depois de um nome a recordar: Antony Fisher”, do Instituto Liberal, disponível em <https://www.institutoliberal.org.br/blog/25-anos-depois-um-nome-a-recordar-antony-fisher/>, acessado em 15/11/2017.

geral de 1993 a 2009. Além de notarmos seu potencial de influência entre ultraliberais a partir dos seus cargos e entidades onde atuou, destacamos um trecho de matéria publicada pela IEA, sobre a entrada de John Blundell no Atlas, referindo-se ao seu potencial de articulação da rede de *think tanks*:

Este era o ponto em que a combinação particular de habilidades e qualidades de John [Blundell] se tornaram evidentes e ficou claro que ele havia encontrado seu *métier*. Em 1987, ele se tornou presidente do Atlas e, no ano seguinte, tornou-se presidente da IHS. Em ambas as instituições, presidiu um período de crescimento dinâmico e inovação.¹⁶

Já o terceiro e atual presidente/diretor executivo do Atlas, desde 1991, é o argentino Alejandro Antonio Chafuen, radicado nos Estados Unidos. Segundo o Atlas, Chafuen ingressou no *think tank* em 1985 e trabalhou com Antony Fisher, na época seu mentor. Graduado em economia na Universidade Católica Argentina, foi professor na Universidade Católica Argentina, Universidade de Buenos Aires e The Hispanic Universidade Americana. É também fundador e presidente do Conselho do Hispanic American Center For Economic Research (HACER)¹⁷, vice-presidente do Cedice Libertad (*think tank* liberal da Venezuela) e

atua em vários conselhos, incluindo a Fundação Chase da Commonwealth da Virgínia, o Instituto Acton para o Estudo de Religião e Liberdade, o Instituto Fraser (Canadá) e Membro Honorário e Membro do Comitê de John Templeton Fundação, a World Charity Foundation, e The Templeton Religion Trust. Ele é membro do conselho de conselheiros da The Philanthropic Enterprise e foi membro do comitê fundador da Donors Trust. (...) O Dr. Chafuen é um colaborador regular da Forbes.com, escrevendo uma coluna chamada "Empreendedores Intelectuais", que se concentra em grupos de reflexão e especialistas em políticas.¹⁸

Foi por meio de Alejandro Chafuen que identificamos outra organização-chave, além do Atlas, na articulação dos *think tanks* conservadores americanos e o avanço da ofensiva ultraliberal no mundo e, especialmente, na América Latina. Ele é o intelectual orgânico dirigente da Students for Liberty, organização fundada nos Estados Unidos, em meados de 2008, em uma reunião na Columbia University, onde participaram cerca de 100 pessoas. De acordo com Baggio:

Além das organizações nacionais, aparece como *partner* [parceiro] da Atlas Network uma organização supranacional, Estudiantes por la Libertad (EsLibertad), que é o ramal latino-americano da estadunidense Students For Liberty (SFL). Com sede em Washington, capital dos Estados Unidos, o SFL realizou seu primeiro congresso em 2008, na Columbia University,

¹⁶ Trecho traduzido livremente de matéria da página da IEA, escrita por Steve Davis, em 23/07/2014. Disponível em: <https://iea.org.uk/blog/john-blundell-rip>, acessado em 15/11/2017.

¹⁷ "Fundação criada em 1996, com sede em Washington, D.C., que se dedica a promover as ideias ultraliberais na América Hispânica e entre hispano-americanos que vivem nos Estados Unidos." BAGGIO, Op. cit., p. 5.

¹⁸ Traduzido livremente de <https://www.atlasnetwork.org/about/people/alejandro-antonio-alex-chafuen-ph.d2>, acessado em 19/11/2017.

em Nova York, e se identifica como “a maior organização estudantil libertária do mundo”. Há, no Brasil, uma organização específica, Estudantes Pela Liberdade, com sede em Belo Horizonte.¹⁹

Antes de nos aprofundarmos sobre o movimento Students For Liberty (SFL), destacamos as demais 12 organizações brasileiras associadas ao Atlas, além do “Estudantes Pela Liberdade” (versão brasileira do SFL): o Instituto Atlantos, sediado em Porto Alegre; o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), sediado em Porto Alegre; o Instituto de Formação de Líderes (IFL), sediado em Belo Horizonte; o Instituto de Formação de Líderes – SP (IFP-SP), sediado em São Paulo; o Instituto Liberal (IL), sediado no Rio de Janeiro; o Instituto Liberal de São Paulo (IL-SP); o Instituto Liberdade (o antigo Instituto Liberal do Rio Grande do Sul); o Instituto Ludwig Von Mises Brasil, sediado em São Paulo; o Instituto Millenium, sediado no Rio de Janeiro; o Líderes do Amanhã, sediado em Vitória (ES); o Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, sediado em São Paulo; e o LIVRES (organização que surgiu a partir de uma tendência do Partido Social Liberal), sediado no Rio de Janeiro²⁰. Desta maneira, o avanço ultraconservador a nível mundial ganha capilaridade na sociedade brasileira a partir de contornos específicos de seu contexto. Para compreendermos as determinações históricas deste processo foi necessário compreender como as diretrizes do empresariado transnacional se estabeleceram.

Em 1982, no início do governo do republicano Ronald Regan, nos Estados Unidos, foi criado o Fundo Nacional Para a Democracia (National Endowment for Democracy - NED). O NED, segundo Mynella, foi criado para financiar atividades e diferentes organizações no exterior: “*centros de pesquisa e formulação de políticas públicas (conhecidos como think tanks), ONGs, associações empresariais e de trabalhadores, partidos políticos, organizações diversas da sociedade civil*”²¹. Através do NED, a política externa estadunidense passou a poder desenvolver políticas que normalmente seriam impedidas por princípios de soberania e não-intervenção, estabelecendo uma “diplomacia informal” como elemento potencialmente útil para a política externa estadunidense.

O NED é uma organização privada, mas seu orçamento está presente no Departamento de Estado, sendo aprovado pelo Congresso norte-americano. Os objetivos específicos do NED são: incentivar a criação de *think tanks* por parte do privado, incentivar a cooperação do setor privado dos Estados Unidos e aqueles no exterior, promover a participação não governamental em programas educacionais, fortalecer a democracia no mundo. O NED, por sua vez, também subsidia os quatro institutos mais importantes dos Estados Unidos: Center For International Private Enterprise (CIPE), National Democatic Institute For International Affairs (NDI), International Republican Institute (IRI) e Free Trade Union Institute (FTUI).

¹⁹ BAGGIO, op. cit. p. 3.

²⁰ Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/partners/global-directory/latin-america-and-caribbean/3>. Acessado em: 19/11/2017. Nota: O Centro Mackenzie de Liberdade Econômica, segundo o levantamento aqui realizado, não constava como associado da Atlas até o final de 2016.

²¹ MINELLA, Ary. *Construindo hegemonia: democracia e liver mercado* (atuação do NED e do CIPE na América Latina). Caderno CRH, Salvador, v. 22, n. 55, p. 13-40, Jan./Abr. 2009. p. 15.

O CIPE, fundado em 1984, financiou em seus primeiros quinze anos, 109 projetos na América Latina e Caribe, envolvendo cinquenta organizações em dezenove países. Além de ser vinculado a Câmara do Comércio, os recursos do CIPE são oriundos basicamente do governo dos Estados Unidos, que repassa uma parte através da USAID (United States Agency for International Development) e outra através do próprio NED. Entre os parceiros patrocinadores dos projetos existe o protagonismo de instituições financeiras – no Brasil o financiamento das ações do CIPE foi apoiado por bancos.

Na avaliação do CIPE, três programas se tornaram fundamentais: a) programas de treinamento realizados ao redor do mundo para dirigentes de associações empresariais, líderes de *think tank* e jornalistas econômicos; b) programas de apoio legislativo e econômico, especialmente para dar suporte à legislação e às reformas favoráveis ao livre mercado; c) rede de reforma econômica, estabelecida depois de ter realizado uma série de conferências ao redor do mundo, estabelecendo uma conexão entre as organizações parceiras do CIPE e buscando compartilhar experiências e recursos, bem como definir agendas de reforma. O “*coração de todos os projetos do CIPE é a ‘advocacy’, que significa a promoção efetiva de uma legislação que leve a mercados abertos e encoraje a participação do setor privado na definição das políticas públicas*”²².

Em sua análise sobre o NED e, especialmente, sobre o CIPE, Minella aponta que a partir dos anos 1990 o investimento na formação de organizações do tipo *think tanks* na América Latina, buscando orientar reformas políticas, é enorme. O pesquisador identificou o envolvimento direto de instituições financeiras no financiamento de diversas organizações, incluindo instituições financeiras privadas, além de empresas nacionais e multinacionais. No Brasil, o maior exemplo é o financiamento dos Institutos Liberais a partir de 1983, através de parcerias diretas. Ainda, o autor também destaca que na América Latina também atuam outras organizações que não se vinculam diretamente com os interesses estadunidenses, mas a europeus, como é o caso das organizações voltadas para a promoção das ideias ultraliberais, como a Atlas Network e o IEA (Institute of Economic Affairs).

Retomando as reflexões anteriores, o Students For Liberty se auto-descreve como uma rede em rápido crescimento de estudantes pró-liberdade de todo o mundo, com a missão de “*educar, desenvolver e capacitar a próxima geração de líderes da liberdade*”, realizando isso “*através de uma estratégia de capacitação, identificando os principais líderes estudantis e treinando-os para serem agentes de mudança em suas comunidades*”²³. Identificam-se, ainda, como a maior organização de estudantes libertários do mundo. Mas o que querem dizer com o conceito de “libertários”?

Em uma análise através dos próprios materiais disponíveis na página oficial do SFL, não é possível, de início, identificar o que a organização define como liberdade. Buscando alargar a possibilidade de penetração em diferentes correntes

²² MINELLA, op. cit., p. 19.

²³ Informação traduzida livremente de: <https://www.studentsforliberty.org>. Acesso em 10/11/2017.

liberais e entre indivíduos que estão se aproximando de tais leituras, definem o conceito de liberdade como algo amplo, e afirmam que se definem como:

uma organização que apoia a liberdade de todas as pessoas. O SFL não determina os fundamentos sobre os quais os indivíduos justificam sua crença na liberdade. Em vez disso, Students For Liberty abraça a diversidade das justificativas para a liberdade e encoraja o debate e o discurso sobre as diferentes filosofias subjacentes à liberdade.²⁴

Ora, sabemos, através de outras leituras, como as que trazemos para o diálogo na presente pesquisa, que o conceito de liberdade defendido pelo movimento não é tão amplo assim. Referem-se a liberdade dentro da noção liberal, neoliberal ou ultraliberal – de acordo como prefere tratar cada autor com o qual dialogamos aqui. Tampouco a noção do conceito de “libertários” se aproxima em qualquer nível com a noção de “libertário” elaborada e sistematizada pelo movimento anarquista, como bem destaca Baggio:

Murray N. Rothbard, por sua vez, ficou conhecido, a partir da década de 1940, por sua defesa do que veio a ser conhecido como anarcocapitalismo, isto é, um sistema econômico em que todos os serviços, produtos e espaços seriam privados — tanto por iniciativa individual quanto coletiva — e disputados na livre concorrência, inclusive a segurança pública, a defesa e a justiça. Os defensores dessas ideias individualistas de negação do Estado se autointitulam “libertários anarcocapitalistas”, representantes da “nova direita libertária” e do “libertarianismo”. (...) Obviamente, o sentido da palavra “libertário” não se vincula ao que lhe foi dado, historicamente, pelos movimentos anarquistas, vinculados à luta dos trabalhadores por direitos e melhores condições de vida, mas ao sentido que lhe dão os movimentos ultraliberais, a partir das concepções econômicas da “Escola Austríaca” e da “Escola Econômica de Chicago”, cujo expoente maior é Milton Friedman, ou dos “anarcocapitalistas”.²⁵

Podemos definir, pois, os chamados *libertarians* (como se autodefinem), como uma corrente que ressurgiu com força nos Estados Unidos especificamente após a crise de 2008, no contexto em que o social-liberalismo evidencia seus limites nas disputas do interior do processo de recomposição burguesa, apresentando-se como contrapartida ao subsequente clamor pela regulamentação do mercado. Assim, o que há em comum entre tais grupos, no tocante ao que definem como princípios mínimos, segundo os preceitos da liberdade liberal, é: a) a predominância do indivíduo sobre o Estado; b) a liberdade absoluta do mercado; e c) a defesa irrestrita da propriedade privada.

A versão brasileira desta organização, Estudantes Pela Liberdade (EPL), foi fundada em 2012, em um seminário promovido pelo Instituto Ordem Livre (IOL) – um APH que tem membros associados ao Atlas Network e organiza atividades de

²⁴ Disponível em: <https://www.studentsforliberty.org/about/>. Acessado em 16/11/2017.

²⁵ BAGGIO, Kátia. Op. cit., pp. 4-5.

formação voltadas para o público jovem²⁶. Alguns dos organizadores do evento, membros do IOL, tornaram-se conselheiros do EPL, como é o caso de Diogo Costa - “*mestre em ciência política pela Universidade de Columbia, fundador do Instituto Ordem Livre, diretor do Instituto de Inovação & Governança (INDIGO), e autor de artigos em revistas como a Forbes e jornais como o The Independent do Reino Unido*”²⁷, hoje também especialista da organização LIVRES. Outros conselheiros identificados no site do EPL, são ex-membros do Instituto de Formação de Líderes de São Paulo (também associado ao Atlas Network), como é o caso de Carlos Rocha e Tomas Martins.²⁸ Outro nome de sua fundação é o gaúcho Fábio Ostermann, que depois veio fundar também o Movimento Brasil Livre.

Foi Fellow na Atlas Economic Research Foundation (Washington, DC), Diretor Executivo do Instituto Liberdade, Diretor de Formação e Conselheiro Fiscal do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), co-fundador da rede Estudantes Pela Liberdade, tendo sido o primeiro presidente de seu Conselho Consultivo, Diretor Executivo do Instituto Ordem Livre e Coordenador Nacional do Movimento Brasil Livre (MBL), entidade da qual foi o fundador, e Diretor Executivo da Fundação Educacional do Partido Social Liberal (PSL). É Professor (licenciado) na Faculdade Campos Salles, associado honorário do IEE, membro do Grupo Pensar+ e líder estadual do LIVRES no RS.²⁹

Consideremos importante destacar outro dado identificado na página do EPL. No momento em que aparece a opção de links “selecione a sua região”, para quem está navegando direcionar-se para a página onde há algumas frentes do SFL, observamos que, entre as opções de continentes, há apenas um país em destaque, o Brasil – destacado, inclusive, do link que direciona para a América Latina. Isto porque, segundo a própria organização, o Brasil é o maior membro da rede SFL, com mais coordenadores (1037 lideranças, segundo a página) do que a soma de todos os coordenadores do continente europeu e africano, juntos.³⁰ E por que o Brasil ganhou destaque na atuação do SFL?

Casimiro³¹ analisou e classificou o EPL como um aparelho privado de hegemonia de ação doutrinária, caracterizado pelo recrutamento de jovens universitários para a formação e composição de novos quadros de intelectuais orgânicos da ideologia de mercado. Dentre as diversas atividades táticas, organizam palestras e workshops em escolas, espaços estudantis, universidades e espaços profissionais, consultoria e suporte operacional a estudantes que desejam formar

²⁶ Informações disponíveis em: <http://ordemlivre.org>, acessado em 16/11/2017.

²⁷ Informação obtida em: <https://www.studentsforliberty.org>, acesso em 10/11/2017.

²⁸ Informações disponíveis nas páginas: <https://www.studentsforliberty.org/brasil/> e <http://www.epl.org.br/sobre/>, acessadas em 16/11/2017.

²⁹ Disponível em: <http://fabioostermann.com.br/fabio/>. Acessado em: 15/11/2017

³⁰ Informação obtida em: <https://www.studentsforliberty.org>. Acesso em 10/11/2017.

³¹ CASIMIRO, Flavio. *A Nova Direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980 – 2014)*. Tese de doutorado em História. Niterói: UFF, 2016.

grupos em suas regiões, realização e participação em eventos e campanhas, produção de livros, apostilas e outros materiais de formação. Segundo o historiador, o EPL:

penetra no interior dos cursos, departamentos, centros acadêmicos e movimentos estudantis das instituições educacionais, adquirindo uma significativa capilaridade em espaços fundamentais no que concerne à formação de opinião, e, por sua vez, à produção de consenso. Essa condição lhe confere um grande poder de mobilização. (...) É exatamente nesse potencial de recrutamento, produção do consenso e mobilização para a ação política entre os jovens que se encontra o papel fundamental desse aparelho privado de hegemonia para o projeto da burguesia brasileira de reconfiguração do Estado.³²

Porém, ao fomentar a participação política de seus seguidores na sociedade política – via Estado restrito – o ELP deparou-se com um impedimento ético-burocrático de acordo com o que o definia como um *think tank*. Os membros do EPL queriam participar das jornadas de junho de 2013, para pautar a agenda da direita nas ruas, mas o Atlas Network não financiava “grupos de atuação política”. Assim, para atuar de maneira organizada e não gerar problemas com as agências financiadoras, integrantes do EPL fundam o Movimento Brasil Livre (MBL) para a participação política engajada nas manifestações e nas redes sociais. Segundo Amaral, em entrevista, Juliano Torres, que passou pelo treinamento da Atlas Network e hoje é diretor/presidente do EPL, confirma:

Quando teve os protestos em 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: ‘Os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre. Então juntou eu, Fábio [Ostermann], juntou o Felipe França, que é de Recife e São Paulo, mais umas quatro, cinco pessoas, criamos o logo, a campanha de Facebook. E aí acabaram as manifestações, acabou o projeto. E a gente estava procurando alguém para assumir, já tinha mais de 10 mil likes na página, panfletos. E aí a gente encontrou o Kim [Kataguiri] e o Renan [Haas], que afinal deram uma guinada incrível no movimento com as passeatas contra a Dilma e coisas do tipo. Inclusive, o Kim é membro da EPL, então ele foi treinado pela EPL também. E boa parte dos organizadores locais são membros do EPL. Eles atuam como integrantes do Movimento Brasil Livre, mas foram treinados pela gente, em cursos de liderança. O Kim, inclusive, vai participar agora de um torneio de pôquer filantrópico que o Students For Liberty organiza em Nova York para arrecadar recursos.³³

³² Idem, pp.553-554.

³³ TORRES, Juliano, apud AMARAL, Op. cit.

Sobre o financiamento do MBL, sabe-se que existe uma ampla campanha de doação em sua página na internet e venda de camisetas do movimento para arrecadação de fundos. Na matéria *O grupo da mão invisível: dois meses de conversas no WhatsApp do MBL*³⁴, publicada da Revista Piauí, o repórter Bruno Abbud detalha como foram feitas negociações de financiamento do movimento com 158 empresários – como pagamento de viagens e contribuições mensais registradas em planilhas. Em troca, o MBL levaria as pautas comuns dos executivos às discussões públicas e aos encontros a portas fechadas que os membros teriam com políticos e lideranças nacionais.

Ainda no âmbito da sociedade política, destacamos também que o MBL vem formando uma rede de políticos eleitos no âmbito legislativo. Na página do movimento, como parlamentares do movimento, consta o deputado federal Paulo Eduardo Martins (PSDB-PR), e oito vereadores eleitos – três em municípios paulistas (São Paulo, Americana e Rio Claro), dois gaúchos (Porto Alegre e Sapiranga), dois paranaenses (Londrina e Maringá) e um sergipano (Aracaju). Quatro estão pelo PSDB, e cada um dos outros quatro pelo DEM, PRB, PV e PEN. No âmbito da sociedade civil, destacamos que o movimento tem reunido esforços em pautar a agenda da educação pela direita, como vemos ao analisarmos os vínculos entre o MBL e o movimento Escola Sem Partido (ESP), cujo um dos símbolos foi a organização, no dia 15 de agosto de 2017, da “Marcha Pelo Escola Sem Partido”, evento nacional que articulou atos em mais de uma dezena de estados do país. Nas resoluções do movimento em seu congresso em 2015³⁵, destacamos, além da defesa dos projetos de lei do ESP, a defesa da implementação de sistema de vouchers para o ensino básico, legalização do homeschooling, redução de impostos das escolas privadas, militarização das escolas em “áreas de risco” onde a iniciativa privada não tenha a possibilidade de atuar, gestão privada das escolas públicas, entre outras.

Notamos, portanto, os princípios da predominância do indivíduo sobre o Estado, a liberdade do mercado e a defesa da propriedade privada, presentes na Atlas Network e no Students For Liberty, contidos diretamente em algumas resoluções do MBL. Tais princípios são expressos, especialmente, na defesa do típico sistema de vouchers para todos os níveis de ensino, assim como a gestão privada de todas as funções sociais do Estado. Portanto, além das correlações identificadas anteriormente na formação, na atuação dos quadros e dinâmica de funcionamento de tais grupos, a afinidade política-ideológica também é percebida nos textos e resoluções. É a partir desta formulação que estas organizações têm emergido na conjuntura atual.

Conclusão

Conclui-se que é possível identificar que a atuação da frente de direita está associada ao movimento de recomposição burguesa, possui um caráter transnacional

³⁴ Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/o-grupo-da-mao-invisivel/>. Acessado em: 15/10/2017.

³⁵ MOVIMENTO BRASIL LIVRE. *Propostas aprovadas no primeiro congresso do Movimento Brasil Livre em 2015*. p. 2. Disponível em: <http://mbl.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2017/05/propostas-mbl.pdf> Acesso em 10/08/2017.

e está profundamente enraizada na sociedade civil por meio da atuação de um conjunto de aparelhos privados de hegemonia. Situamos a chamada ofensiva ultraconservadora no mundo a partir da crise de 2008, quando o social-liberalismo apresentou suas fissuras e limitações como variante do neoliberalismo que seria capaz de promover e sustentar um amplo e longo processo de conciliação de classes. Sua crise, neste sentido, abre caminhos para o acirramento de novas disputas no interior do processo de recomposição burguesa, buscando neutralizar os antagonismos de classe que ficam em maior evidência em contextos como este, de crise de hegemonia. No Brasil, identificamos a ofensiva também como reação ultraconservadora e reacionária à série de protestos e manifestações de rua que chegaram a reunir mais de um milhão de pessoas, conhecidas como jornadas de junho de 2013, que colocaram na mesa diversas contradições insustentáveis do modelo de conciliação adotado até então pelo governo do Partido dos Trabalhadores, respondendo também à radicalização das formas de luta e enfrentamento produzidas neste movimento.

Encontramos fortes evidências a respeito do crescimento da direita conservadora e com características reacionárias em aliança com o as corporações e entidades neoliberais também aqui no Brasil, através desta profunda rede de *think tanks*. Estas entidades e movimentos sociais neoliberais no Brasil vêm atuando da mesma maneira articulada, enviando membros para passarem por programas de treinamento oferecidos pelas entidades americanas, promovendo a elaboração e difusão de novas estratégias de produção de consenso em relação ao ideário neoliberal, buscando neutralizar antagonismos de classe latentes no contexto de crise ideológica e econômica do bloco histórico. Neste contexto, o avanço ultraconservador observado na sociedade civil, em consonância com outras mudanças de correlações de forças na sociedade política, chega ao campo educacional. O movimento Escola Sem Partido, que até então não tinha expressividade, ganha eco neste contexto.

Artigo recebido em 31.3.2018

Aprovado em 11.5.2018